

'Em transe ele também escreve mensagens de parentes mortos' — diz a parapsicóloga Elsie Dubugras.

Foi em um destes transe, em 27 de maio de 1978, um ano antes do julgamento, que a mensagem foi escrita através de Xavier, trazendo a assinatura 'Maurício Garcez Henrique'.

Eis partes da mensagem: (transcrevem trechos iniciais da Primeira Carta).

A semelhança de caligrafia entre a mensagem e os manuscritos de Maurício antes de sua morte provocaram profunda impressão no Juiz Bastos, que declarou Nunes não culpado no último dia 16 de julho.

'A mensagem de Maurício não somente me esclareceu, mas também suportou todo o testemunho da defesa', disse o Juiz. 'A mensagem tinha que ser mencionada na sentença porque ela me ajudou na decisão.'

'É importante destacar que não sou espírita. Julguei Nunes inocente porque a morte não foi premeditada. A mensagem de Maurício esclarece que a morte foi um engano imprevisito. Não há o que condenar. A decisão foi fácil para mim.'

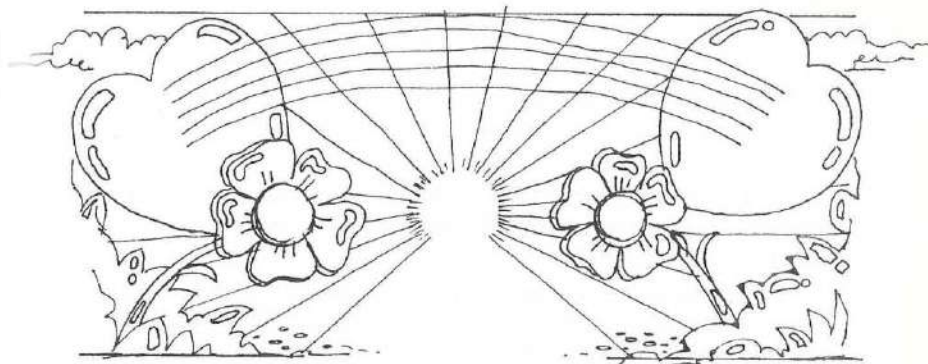
(Tradução de Antônio César Perri de Carvalho.)

PSYCHIC NEWS (Londres, Inglaterra, 15/3/1980)

"JUDGE FREES MAN IN MURDER TRIAL AFTER
READING VICTIM'S MESSAGE" (*)

By PN Reporter

(*) Deixamos de transcrevê-la pela semelhança de seu conteúdo com a reportagem anterior, do *National Enquirer*. (Nota do Organizador)



5 REPERCUSSÕES DA ABSOLVIÇÃO NO MUNDO ESPIRITUAL

TERCEIRA CARTA DE MAURÍCIO

*"Acontece que a autoridade da Justiça considerou
válido o meu depoimento e claramente fiquei
muito feliz com isso"*

Querido papai, querida mamãe e querida tia,
abençoem-me.

Aconteceu o inesperado. Quando lhes trouxe as minhas notícias de filho saudoso, desconhecia o futuro de minhas pobres palavras. Queria, de minha parte, unicamente abraçar os pais queridos e mostrar às queridas irmãs a intensidade de meu afeto e, com isso, contar a verdade em torno do meu afastamento do corpo físico. Sinceramente, propunha-me a falar o que sucedeu, sem fantasiar nenhuma circunstância, porque não era justo que eu largasse um amigo a quem estimo tanto, o nosso prezado José Divino, entregue a acusações que não merece. Eu seria muito ingrato se não descrevesse os fatos como estão em minha memória. O amigo não teve a mínima intenção de me ferir e fui eu mesmo, quem

começou a lidar com a arma, talvez na idéia de mostrar conhecimento do assunto. O resultado é esse que conhecemos.

Fiz o que pude para fortalecer o companheiro, de modo a que a total ausência de culpa nele aparecesse no processo que se formou.

A princípio, conduzido para Anápolis por meu avô Henrique e acolhido no lar de nossa irmã Terezona, encontrei tempo a fim de refletir sobre o desastre de que fui, involuntariamente, o provocador. Eu, que me dispunha a ensinar ao Divino a arte de atirar, fui vítima de minha própria leviandade.

Acontece que recebi muitas visitas em Anápolis. Não posso me alongar demasiadamente no assunto, mas resumo este tópico de minha experiência, esclarecendo que recebi a visita de dois amigos que eu não conhecia e que, por solidariedade, buscaram-me reconfortar.

Ambos haviam voltado para a vida espiritual em acidentes qual me ocorreu. São eles os irmãos Henrique Gregoris e Izídio da Silva.

O Izídio me falou que perdera o corpo numa competição, na qual fora ele o responsável pelo volante, informando que fizera muita força para inocentar o amigo que se lhe fizera companheiro. Alegou que pairava muitas dúvidas sobre a culpabilidade no caso, quando fora ele que pusera o velocímetro fora de órbita. Disse-me que não tivera paz enquanto não conseguira dar a explicação necessária aos familiares queridos.

E o Henrique me comunicou que ele e outros amigos se achavam empenhados em uma campanha contra o ódio e me convidava a esclarecer, quando fosse possível, a minha participação na ocorrência infeliz com toda sinceridade do meu coração. Foi o que fiz.

Acontece que a autoridade da Justiça considerou

válido o meu depoimento e claramente fiquei muito feliz com isso, porque tanto eu, quanto o José, falamos a verdade.

Depois da sentença, muitos amigos Espirituais passaram a me visitar e estou ignorando a extensão do assunto, mas pedindo a Jesus para que a liberdade do meu amigo, positivamente merecida por ele, seja mantida.

Há dias, em companhia do Henrique e do Izídio, compareci a uma reunião de instrutores responsáveis pela condução dos assuntos públicos e me senti tão pequenino, quanto uma criança num palácio, completamente deslocada quanto ao que se passava. Mas pensando em algum possível encontro nosso, tomei nota de alguns nomes com os amigos que mencionei, para dar a meu pai e à mamãe a importância do acontecimento. Disseram-me no salão que ali se reuniam missionários veneráveis da Justiça e do Progresso no Estado de Goiás, que pediam a bênção de Jesus para que o amor ao próximo reine sobre a Terra.

A grande reunião estava presidida por um senhor cuja bondade irradiava dele em forma de simpatia.

Não posso chamá-los por irmãos porque conservo comigo o respeito que meu pai me ensinou a cultivar perante qualquer autoridade.

Esse senhor que orientava aquele encontro tem o nome de Dr. João Augusto de Pádua Fleury. Um sacerdote de nome Monsenhor Joaquim Vicente de Azevedo fez uma prece que nos comoveu a todos e, logo após, discorreu sobre a sentença justa do nobre Juiz que anotou o meu caso, dizendo-nos a todos que a deliberação assumida pela autoridade da Vara Cível em Campinas, junto à Goiânia, não interessava apenas aos espíritos que já se encontram habituados aos testemunhos de imortalidade da alma e sim a todas as faixas do Cristianismo, fazendo luz nos tempos de materialismo sombrio que se estendem

sobre a Terra e rogou a Jesus para que a resolução judiciária seja abençoada, a fim de que as criaturas, hoje sofrendo tanto no mundo pela descrença, se capacitem de que a vida imperecível da alma, tão maravilhosamente atestada pela ressurreição de Jesus Cristo, não é uma ilusão e de que todos responderemos pelos nossos próprios atos perante as Leis de Deus, seja na existência humana, ou seja depois da morte.

No salão estavam pessoas muito respeitáveis e escrevi alguns nomes em documento comigo para recordar no instante oportuno, qual o faço agora. Achavam-se na reunião o Dr. Augusto Jungman, o Dr. Francisco da Luz Bastos, o Dr. Jovelino de Campos, o Dr. Adalberto Pereira da Silva, o Dr. Laudelino Gomes, o Dr. João Bonifácio Gomes de Siqueira, e tantos outros que se me faz difícil anotar. Todos eles se mostravam satisfeitos por haver nascido em Goiás uma luz da verdade contra os sentimentos negativos que separam os homens uns dos outros. O Dr. Augusto Jungman observou que mesmo havendo algum recurso da Promotoria contra a sentença justa, o exemplo estava patenteado em documento para que ninguém desconheça que a Justiça na Terra precisa ser um reflexo da Justiça Divina.

Aí está a súpula das ocorrências.

O amigo Henrique está em minha companhia e me solicita dizer à sua mãe Dona Augustinha que ele hoje se absteve de escrever para que eu tente explicar o que se passou e o que se passa conosco. Diz ele que os pais queridos desejam uma fórmula de nossa parte, a fim de se conduzirem sensatamente no trato com jornalistas e interessados no caso e estamos solicitando aos queridos pais, ele também inclusive à sua Mamãe presente, esclarecerem que se nós consideramos sem culpa os companheiros do plano físico que ficaram envolvidos conosco, que viemos para cá inesperadamente,

nossos pais por amor a nós, efetivamente nos respeitam a sinceridade e o modo de pensar. Entendemos nós todos que os nossos familiares sofreram e sofrem ainda com a perda de nossa presença nas atividades de ordem material; entretanto, sabemos que nos amam suficientemente para não considerarem diferentes ou mentirosos, depois dos problemas da morte, da morte que não altera o coração e o caráter de ninguém. Rogamos aos familiares queridos abençoarem os nossos comunicados, sem fazerem causa comum com qualquer pessoa interessada em escândalo e sensacionalismo. Se fôssemos nós, os companheiros que permanecessem no mundo, dando motivo à desencarnação desse ou daquele companheiro, com que reconhecimento receberíamos a notícia de que estávamos sendo justificados! Por isso, contamos com a solidariedade de nossos parentes, declarando sempre que, se desculpamos ou se esclarecemos as questões afetadas à luta em que vimos envolvidos, estamos por eles respeitados, já que não nos interessamos em agravar as provações e os sofrimentos de quem quer que seja.

Estes argumentos nesta longa carta que escrevo com o auxílio de meu avô e do amigo Henrique, representam o que desejaríamos esclarecer.

Que Jesus nos auxilie a todos a exemplificar a verdade e o bem, ainda mesmo quando sejamos ridicularizados.

Pedimos à Divina Providência iluminar sempre o espírito reto e nobre desse valoroso Juiz de nossa terra, que sabe honrar o coração humano e entender quão necessário se faz o respeito aos sofrimentos alheios. Deus o abençoe e engrandeça na elevada missão que aceitou, no sentido de honorificar a Justiça com a verdade para evidenciar as nossas responsabilidades na vida.

Querido papai, em seu coração sempre encontrei o meu melhor amigo. Creia na sinceridade de seu filho e abençoe-me sempre.

Com a querida Mamaã, com a querida tia e com a nossa irmã Dona Augustinha, receba, querido pai, o respeito e toda gratidão de seu filho,

Maurício Garcez Henrique.

Notas e Identificações

1 - Carta psicografada pelo médium Francisco C. Xavier, em reunião pública do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, MG, a 22/9/1979.

2 - *querida tia* — D. Agripina Henrique, que sempre teve por Maurício especial carinho, presente à reunião.

3 - *Henrique Gregoris* — Henrique Emanuel Gregoris faleceu em 10/2/1976, ao 23 anos de idade, também vitimado por disparo acidental com arma de fogo. Era de Goiânia, filho do casal Gastão Henrique Gregoris (falecido em 1964) — Augusta Soares Gregoris, mais conhecida por Augustinha. Pelo lápis mediúnico de Xavier, Henrique Emanuel tem escrito belas e instrutivas cartas, algumas incluídas nos livros *Enxugando Lágrimas* e *Claramente Vivos* (ambos de F.C.Xavier, Espíritos Diversos e Elias Barbosa, Ed. IDE, Araras, SP.).

Ainda neste Capítulo, tomaremos conhecimento de seu interessante comentário sobre o "caso Maurício", em carta dirigida à sua mãe.

4 - *Izídio da Silva* — Izídio Inácio da Silva, filho do casal de Goiânia: Cacildo Inácio da Silva — Leila Sahb Inácio da Silva, desencarnou com apenas 19 anos de idade, a 12/10/1974, em acidente automobilístico. Com Henrique Gregoris, é co-autor espiritual das duas obras anteriormente citadas.

5 - *Dr. João Augusto de Pádua Fleury* — (4/8/1831 — 6/11/1894) Exerceu as funções de: Juiz

de Direito em Pirenópolis, GO, Desembargador em Goiás e Mato Grosso, Chefe de Polícia em São Paulo e Conselheiro do Império.

6 - *Monsenhor Joaquim Vicente de Azevedo* — Em 5/4/1879, instalou a freguesia do Córrego das Antas, hoje Anápolis. Foi Vigário Geral, Governador do Bispado e Deputado.

7 - *Dr. Augusto Jungman* — (19/7/1884 — 15/2/1937) Advogado, professor, exerceu os cargos de Procurador Geral da República na cidade de Goiás, GO, e Delegado de Polícia em Recife, PE.

8 - *Dr. Francisco da Luz Bastos* — (1850 — 1925) Fixou residência na cidade de Anápolis em 1871. Foi Juiz de Paz, Delegado Literário, Agente do Correio, Delegado de Polícia, Juiz Municipal e Membro da Junta Administrativa em 1892.

9 - *Dr. Jovelino de Campos* — (1887 — 1965) Foi Juiz de Direito em diversas cidades do interior do Estado de Goiás, inclusive Anápolis, encerrando sua carreira em Goiânia, como Desembargador. Lente da Faculdade de Direito e membro da Academia de Letras de Goiânia, também exerceu os relevantes cargos de Deputado Estadual e Secretário do Interior e Justiça.

10 - *Dr. Adalberto Pereira da Silva* — (1889 — 1951) Em Anápolis, GO, além do magistério e da advocacia, exerceu o cargo de Intendente (Governante do Município), de 1927 a 1930, época em que lançou o primeiro jornal da cidade: *O Correio de Anápolis*. Foi Juiz de Direito nas cidades goianas de Posse e Piracanjuba. Enriquecendo este Capítulo, transcreveremos adiante sua linda e oportuna mensagem psicográfica endereçada ao Dr. Orimar.

11 - *Dr. Laudelino Gomes* — Foi médico na cidade de Anápolis e Deputado Federal por Goiás. Faleceu em 8/1/1937.

12 - *Dr. João Bonifácio Gomes de Siqueira* — (1816 — 1901) Advogado, Juiz de Direito, encerrou sua carreira como Desembargador. Foi Deputado à Constituinte e exerceu por diversas vezes a Vice-Governadoria do Estado de Goiás, no período 1857 — 1891.

13 - *os pais queridos desejam uma fórmula de nossa parte, a fim de se conduzirem sensatamente no trato com jornalistas e interessados no caso* — Os pais de Maurício e D. Augustinha estavam preocupados quanto à conduta que deveriam adotar com os repórteres que os assediavam constantemente.

14 - *valoroso Juiz de nossa terra* — Refere-se ao Dr. Orimar de Bastos.

JUIZ RECEBE MENSAGEM

"Não estamos cogitando de proselitismo e sim de renovação espiritual para aqueles de ânimo e raciocínio amadurecidos para a nova época"

Meu prezado Orimar:

Deus vos ilumine.

Não estranhe o posicionamento a que você se viu conduzido pelas circunstâncias. Por trás das ocorrências construtivas existem alavancas de luz manejadas por Mentores da Vida Comunitária, que objetivam o melhoramento do relacionamento entre os homens.

Quando forças inabordáveis determinaram a sua transferência para Goiânia, de "nosso lado", o julgamento do jovem Maurício esta previsto, com o intuito de acordarmos através da Justiça os novos tempos para as verdades simples da vida.

O progresso tecnológico influenciou de tal modo a



Dr. Adalberto Pereira da Silva, autor espiritual da mensagem
ao Juiz Orimar de Bastos.

cultura cristã, impondo-lhe tantas deformidades pelo quase despreço da Ciência pela Religião, que as mais nobres inteligências se deixam comandar por ilusões que depredam, de certo modo, todos os ingredientes para a edificação da Terra Melhor de Amanhã.

Poderes enormes são movimentados, em torno da civilização no sentido de se lhe reajustarem os valores e esperamos que as investigações chamadas parapsicológicas possam canalizar para a mente humana a reafirmação dos princípios simples e básicos do Cristianismo. Em verdade, conflitos gigantescos se travam em toda parte, nos quais o materialismo ousadamente se sobrepõe à fé para confundir-lhe os ensinamentos.

Os problemas das comunicações de massa estão exigindo episódios e tarefas que nos reabilitem, no mundo físico, a confiança em Deus e o imperativo da prática das lições de Jesus e por isso mesmo, o processo em que você atuou se elevou à condição de instrumento destinado a despertar milhares de criaturas, sob a hipnose de lamentáveis enganos.

Não se impressione quanto à carga de observações que, sem dúvida, lhe pesará mais intensivamente nos ombros, de vez que muitos companheiros temem a penetração da temática espiritual na Jurisprudência. Efetivamente, a sentença que você exarou com segurança dispensava o concurso da mensagem mediúnica, na qual a "vítima" inocenta o "acusado".

Entretanto, amigos presentes se detiveram a examinar as folhas 100 e 170 no julgado, induzindo seu espírito analítico e honesto a destacar a importância de ambos os textos para confirmação do seu natural ponto de vista e o resultado benéfico que surgirá de tudo é evidente. Unicamente aqui é que os nossos olhos conseguem divisar as dificuldades de múltiplas ações criminais, em que a penalogia dominante poderia apresentar

agentes de misericórdia e compreensão que não comprometessem tanto as vias da comunidade, especialmente dos mais jovens, por vezes segregados indevidamente em longos períodos de isolamento carcerário, sem maiores razões.

Agradecemos a sua coragem, assumindo atitude, perante as declarações do "vivo" e do suposto "morto" a destacar-lhe a importância. Creia que não estamos cogitando de proselitismo e sim de renovação espiritual para aqueles de ânimo e raciocínio amadurecidos para a nova época, que aliás, ao que nos parece, ainda vem muito longe.

Continue estudando quanto possível todos os assuntos que se reportem à sobrevivência da criatura para além da experiência terrestre, porquanto pressionado cortesmente pelos próprios colegas, você será invejavelmente chamado a novos testemunhos de convicção cristã, porquanto é a Doutrina Cristã que se encontra em jogo, nos acontecimentos difíceis dos tempos que correm.

Uma penalogia mais completa se realiza no mundo sobre os alicerces da reencarnação e muitas provas sob nossa atenção na Terra não passam de sentenças cominadas por autoridades que não se domiciliam na Terra, e que conservam consigo o poder de organizar e deliberar sobre o destino e dor no caminho dos seres.

Agradecemos a honestidade com que você não desertou da verdade dos fatos, quando poderia claramente contorná-los.

Aqui se identificam conosco muitos amigos, no mesmo regozijo por seu destemor sem imprudência e pelo seu equilíbrio sem omissão, que lhe valem agora o apreço e o carinho de milhões de pessoas.

Prossigamos.

Em nossa companhia se acham amigos de elevado discernimento espiritual, quais sejam os nossos companheiros Dr. João Augusto de Pádua Fleury, Eduardo Cunha de Bastos, Luiz de Bastos, Monsenhor Joaquim Vicente de Azevedo, Basílio Martins Braga de Serradourada, Dr. Manoel do Couto, Dr. Joaquim Gomes Machado, Gregório Braz Abrantes, Padre Olímpio Pitaluga, Dr. Laudelino, o médico, Dr. João Nunes da Silva e tantos outros amigos e familiares, incluindo o seu irmão Eno Omar, o irmão Argenta, o amigo Henrique Gregoris, o próprio Maurício Garcez Henrique, o irmão Antenor Amorim, o Dr. Luiz do Couto e muitos associados de ideal que se nos afinam com os propósitos de encorajá-lo em sua nova estrada para a frente. Decerto não lhe pedimos uma devoção crônica ao assunto, suscetível de parecer uma introdução ao fanatismo e sim a mente aberta para os horizontes das realidades espirituais, cuja luz, verdadeiras legiões de obreiros do bem tentam hoje acender no caminho das criaturas.

Persista em sua firmeza de caráter e sigamos em frente na certeza de que a revivescência dos ensinos de Jesus é na atualidade um tema a ser reexaminado e anatomizado com prudência e carinho, a fim de que não venhamos a perder tantas conquistas espirituais laboriosamente conquistadas pelo homem, de século a século.

O nosso mentor e amigo Dr. João Augusto de Pádua Fleury foi o seu principal companheiro na apreciação do processo Maurício e nos recomenda-lhe seja dito que toda a sua argumentação em torno do artigo 15.º do Código Penal está estruturada com absoluta segurança, para afastar qualquer intenção de culpabilidade ao acusado, pelo que deve o seu pensamento descansar sobre a base legal de sua declaração absolvendo o réu e cumprimenta em você um colega dedicado ao bem e digno por seu próprio caráter para receber o impacto das atuais

atenções públicas, permanecendo em sua posição de defensor do bem e julgador de qualquer incidente ligado aos problemas da periculosidade no homem, e o espírito de equidade a iluminar-lhe as resoluções.

Todos rogamos ao Senhor — O Justo Juiz — por sua paz extensivamente à família querida e aos amigos dedicados, permanecendo todos nós a postos, nas lides edificantes em que nos reconhecemos engajados pelos Poderes Maiores que nos governam a vida, a fim de, analisando os processos do campo social, melhorem, quanto possível, os padrões da fé viva em Deus e na dignidade humana.

Que Deus o abençoe e fortaleça, conduza e inspire são os nossos votos.

Adalberto.

Adalberto Pereira da Silva.

Notas e Identificações

15 - Mensagem psicografada por Francisco C. Xavier, na visita feita ao médium de Uberaba, Minas, pelo Juiz de Direito de Goiânia, Dr. Orimar de Bastos, em 1.º/10/1979. Transcrita, na íntegra, pelo jornal goianiense *O Popular*, em reportagem intitulada "Juiz recebe mensagem de elogio à absolvição", da seção Judiciário, p. 8, edição de 12/10/1979.

16 - Quando forças inabordáveis determinaram a sua transferência para Goiânia, de "nosso lado", o julgamento do jovem Maurício estava previsto — Dr. Orimar de Bastos foi quem julgou o processo de Henrique Emanuel Gregoris, na cidade de Hidrolândia, onde exercia o cargo. Transferido para Goiânia, foi convocado a substituir o Juiz Ovídio Inácio. Coincidentemente, o processo de Maurício lhe foi dado a julgar. Essa suposta coincidência é agora explicada.

O próprio Juiz Orimar, em entrevista ao jornal *Diário da Manhã* (Goiânia, GO, 17/9/1980, p. 9), "apontou algumas coincidências ou 'fatos pouco comuns', para os quais não atentou na época. O seu relato: 'Eu era juiz da 6a. Vara Criminal, conforme todos sabem, e o processo corria na 2a. Durante as férias forenses de julho de 79, fiquei de plantão por 15 dias, acumulando todas as Varas Criminais de Goiânia. Ninguém ignora que, em plantões como aquele, são despachados apenas os processos de réus presos, o que não era absolutamente o caso de José Divino. No meio de mais ou menos 30 mil processos, me chega precisamente aquele, concluso, para sentença. Será que houve interferência de alguém ou do Além?'"

'Hoje estou convencido — responde o juiz aposentado — de que existe algo superior e que houve de fato interferência do Alto, tendo sido eu o escolhido para proferir a histórica sentença'."

17 - *Entretanto, amigos presentes se detiveram a examinar as folhas 100 e 170 no julgado* — Estas folhas, que despertaram maior atenção dos juízes domiciliados no Mais Além, são as que registram, respectivamente, as declarações do acusado quando de seu interrogatório e a mensagem mediúnica de Maurício.

18 - *Eduardo Cunha de Bastos* — (25/7/1833 — 9/2/1894) Filho de Luiz de Bastos, foi coronel, fazendeiro e chefe político no Estado de Goiás.

19 - *Luiz de Bastos* — Major Luiz da Cunha Bastos, nascido na cidade de Goiás, GO, residiu muito anos em Rio Verde, GO, onde militou na política.

20 - *Basílio Martins Braga de Serradourada* — (23/5/1804 — 9/8/1874) Nascido na cidade de Goiás, GO, foi tenente, compositor de música sacra e fez parte da Associação Filantrópica para a Libertação dos Escravos.

21 - *Dr. Manoel do Couto* — (29/4/1869 — 9/1/1953) Dentista, formado em Ouro Preto, MG, exerceu a profissão na cidade de Goiás, GO, sua terra natal.

22 - *Dr. Joaquim Gomes Machado* — Ainda não identificado.

23 - *Gregório Braz Abrantes* — Batizado a 30/10/1812, em Meia Ponte, GO (hoje, Pirinópolis), com o nome de Gregório da Silva Abrantes, foi funcionário público federal e pai do famoso marechal goiano, Braz Abrantes.

24 - *Padre Olímpio Pitaluga* — "João Olímpio Pitaluga (1895 — 1970). Natural de Vila Boa (hoje, Goiás, GO), ordenou-se em 27, sendo nomeado secretário do bispado. Veio para Anápolis em 32 e foi o primeiro vigário da paróquia do Bom Jesus, criada em 1935. Prestou à cidade, no setor educacional e social, relevantes serviços." (Humberto Crispim Borges, *História de Anápolis*, Editora CERNE, 2a. ed., 1975, p. 227.)

25 - *Dr. Laudelino, o médico* — Refere-se ao Dr. Laudelino Gomes, já identificado em a Nota 11 deste Capítulo.

26 - *Dr. João Nunes da Silva* — Exerceu, em Goiás, as funções de: Tesoureiro da Fazenda, Secretário do Tribunal de Relações, Comandante da Guarda Nacional da Província, Juiz Municipal da Capital e Deputado Provincial. Faleceu no Rio de Janeiro.

27 - *o seu irmão Eno Omar* — Eno Omar de Bastos (27/5/1942 — 8/4/1963), irmão do Dr. Orimar, era natural de Goiânia, e quando faleceu cursava Contabilidade.

28 - *Irmão Argenta* — Hugo Argenta (5/9/1902 — 2/10/1967), sogro do Dr. Orimar. Natural de Araguari, Minas, transferiu-se para Goiás, onde exerceu as profissões de carpinteiro e Inspetor de alunos. Na polí-

tica, foi vereador, chegando a ocupar a presidência da Câmara.

29 - *Irmão Antenor Amorim* — Antenor de Amorim (1875 — 1948), goiano de Pirenópolis, foi o primeiro Comandante da Guarda Civil, em Goiânia. Ocupou os altos cargos de Senador e Vice-Governador do Estado de Goiás, vindo a falecer no Rio de Janeiro. Do Mundo Maior, ele já enviou várias cartas aos familiares, publicadas no livro *Enxugando Lágrimas*.

30 - *Dr. Luiz do Couto* — Dr. Luiz Ramos de Oliveira Couto (6/4/1884 — 20/6/1948), natural da cidade de Goiás, foi Juiz de Direito, jornalista e poeta, membro da Academia Goiana de Letras.

31 - *toda a sua argumentação em torno do artigo 15.º do Código Penal está estruturada com absoluta segurança, para afastar qualquer intenção de culpabilidade ao acusado* — A análise feita pelo Dr. Orimar, em face do artigo 15.º — que caracteriza os crimes culposos e dolosos —, está registrada às fls. 197 e seguintes do Processo.

32 - *Adalberto Pereira da Silva* — Figura de destaque na história de Anápolis, GO, já identificado em a Nota 10, deste Capítulo.

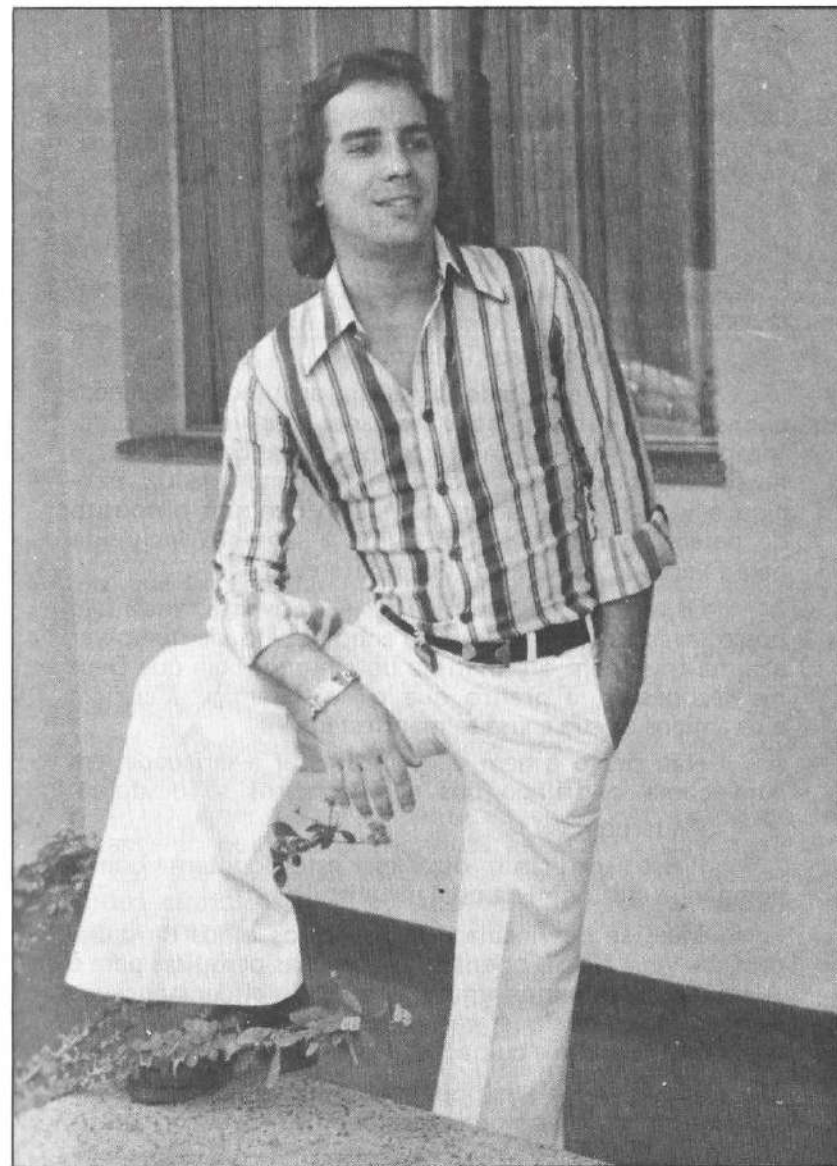
UM AMIGO EM COMPANHIA ANTI-ÓDIO

"O amor vence a morte e vencerá sempre em qualquer ocorrência da vida, porque o amor traduz a presença de Deus."

"Véia", abençoe-me.

Estamos aqui, firmes na fé.

Dias agitados os nossos de agora. Tantas questões



Henrique Emanuel Gregoris, amigo de Maurício no Plano Espiritual.

por estudar, tantos apontamentos a fazer. E creia que o problema deslocou muita poeira nos dois planos.

Refiro-me ao caso Maurício.

Ninguém diria que o mocinho que visitei em Anápolis, se convertesse num ponto para tantas interrogações.

Gostei do modo simples adotado por ele para descrever a realidade.

Tudo espontâneo. Tudo claro.

O nosso respeitado Juiz agiu ao modo de alguém que se visse subitamente fascinado pela verdade pura. Incapaz de evitá-la, ante a nobreza da consciência, o nosso magistrado, num momento de abençoada luz, associou a verdade com a justiça e, sem nenhum propósito de parecer herói ou santo, lavrou a sentença incluindo nela a verdade sem atavios que o interessara.

O assunto, efetivamente, é cativante, mas não posso avançar nessa gleba. Tenho receio de temperar alguma frase com o molho do bom humor com que Deus me fez nascer, e prefiro que o nosso amigo Maurício e os amigos de sua causa se manifestem.

Não posso e nem devo desfigurar a seriedade, em cujo clima o diálogo dos companheiros se desdobra.

Aguardemos.

Posso, entretanto, dizer que estou contente com a companhia anti-ódio, na qual me alistei.

Mãe, se desvincularmos os nossos olhos da paisagem na vida física, orientando as nossas pesquisas para o Além, encontraremos uma vastidão de circunstâncias a espalhar-se em qualquer caso, facultando-nos novas interpretações de culpa e culpados.

Você, "Véia", já pôde vislumbrar, em nossos diálogos, que atravessei doloroso período de luta e sofrimento, ao retomar certas reminiscências.

Aí, no plano das formas da natureza material, a mente descansa na amnésia temporária e aqui, as terapêuticas para o trato real de nossas necessidades de paz, incluem atitudes que se devem tomar com certas dificuldades de nossa parte.

Eu nunca entendi tanto, quanto agora, aquele ensinamento do Cristo, quando declara o nosso Divino Mestre: "Reconcilia-te com o teu inimigo, enquanto está a caminho com ele".

Parece que em minhas extravagâncias de rapaz não memorizava o que você dizia, em casa, a nosso favor, mas tudo o que aprendi de seus lábios e de seus exemplos está gravado na lembrança.

Você, querida "Véia", por ilações sucessivas e nos registros de nossos diálogos, já reconheceu, há muito tempo, que fui constrangido a pacificar o meu relacionamento na Vida Espiritual com o querido papai Gastão.

A natureza é uma oficina de Deus em que todas as peças da experiência humana são refundidas quando necessário.

A reencarnação me parece um macete nas mãos dos Orientadores de nossos caminhos.

O amor não é somente aquele poder citado no Evangelho que nos cobre todas as faltas; é igualmente o véu que nos esconde uns dos outros, a fim de que todos os nossos resgates se processem, com a tranqüilidade precisa.

Bendita a hora em que a sua mão assinou o pedido de encerramento da apelação da sentença em que, espiritualmente, me achava envolvido.

Agradei tanto ao Mário Lúcio, fiquei tão emocionado com a adesão do nosso amigo Dr. Wanderley, que muita gente, inclusive corações dos mais nossos, ficaram sem perceber o motivo de minha euforia.

É que com a sua mão que amo tanto, eu mesmo assinei a solicitação que dissipava o grilhão no qual iríamos novamente perder muito tempo, adquirindo, talvez, neblina e cegueira para os nossos próprios olhos por longos dias.

Continuei o movimento e, quanto se me faz possível, com o apoio do meu amigo, o papai Gastão e de outros companheiros dos quais me fizera devedor em épocas passadas, procuro atuar na reconciliação possível de todos os ofendidos e ofensores.

Só com o esquecimento das falhas cometidas contra nós é que dissolveremos as pedras da estrada, suscetíveis de ferir-nos ainda. Quem quiser acalente espinhos no coração.

Você e eu não mais.

Estamos num grande momento de nossa vida. Percebemos hoje que os sofrendores e os infelizes são nossos irmãos verdadeiros. É preciso haver chorado muito para reconhecer essa verdade com o coração.

Conhecíamos noutro tempo os enfermos do corpo, os abandonados, os que se apresentassem certidão de infortúnio para terem direito à nossa esmola quase sempre arrogante e destrutiva, os últimos das filas nos interesses econômicos e sociais.

Hoje, porém, Dona Augustinha, estamos com a visão interna funcionando. Mais tristes do que os mendigos mais tristes são os nossos companheiros do mundo, tantas vezes bem apessoados e altamente distintos, que carregam culpas e remorsos no coração!

Aquele que estende a mão para recolher migalha do que podemos distribuir dorme tranqüilamente ante o céu estrelado, sob cobertores de papel ou descansa sobre uma calçada esquecida ao abandono; entretanto, os irmãos que se reconhecem atormentados por dúvidas e arrependi-

mentos, unicamente a custa dos poderosos tranqüilizantes que lhes prejudicam a saúde é que conseguem a fuga artificial de si mesmos, para despertarem no dia seguinte, mais agoniados e desditosos, até se precipitarem nas doenças de caráter obscuro que os matriculam em sanatórios e casa de repouso físico, que às vezes, lhes precedem a instalação nos gabinetes da morte prematura.

Lutei muito, querida Mãe, para compreender isso, e hoje peço a Deus para que todas as criaturas se amem umas às outras, declarando perdoadas as faltas reais ou as imaginárias que se atribuem a muitos de nossos irmãos e irmãs da jornada terrestre.

Sei que a realização, por enquanto, na Terra, é muito difícil, mas sei também que a Divina Providência nos fará desmemoriados no Mundo, tantas vezes quantas se fizerem necessárias, até que aprendamos sinceramente, com teoria e prática, a lei divina do perdão das ofensas.

Ainda uma vez, agradeço o carinho com que a sua dedicação me ouviu, agindo publicamente, ao meu lado, para que eu pudesse voltar a ser o seu filho, sempre mais seu e mais livre para dedicar ao seu carinho todo o meu amor, diante do Pai Altíssimo.

Entendo que os agrupamentos sociais "por aí" por muito tempo ainda caminharão na base do "toma lá, dá cá", numa espécie de maiorias, daquelas que as leis antigas criaram com os princípios do "olho por olho" e do "dente por dente", mas estamos agora descartados de semelhantes processos de vivência infeliz.

Os errados são irmãos que necessitam de apoio, os delinquentes são enfermos da alma, ingratos são paráliticos da memória e as inteligências perversas são criaturas enganadas por si próprias, de que as Leis de Deus se encarregarão.

Agradeço a Você, mãe do coração, por me haver compreendido.

Sabia, de minha parte, que não recorrería debalde à sua proteção. Estamos livres para obedecer a Jesus, estamos independentes para escravizar-nos ao Divino Mestre que nos ensinou a desculpar qualquer ofensa setenta vezes sete vezes.

Isso tudo é raciocínio que me ocorre, diante do caso do nosso amigo Maurício que soube participar de nosso empreendimento.

Deus é amor para todos e, buscando agradecer a Deus pelo amor que recebemos, devemos de nossa parte cooperar sempre mais com o apoio aos infelizes que, um dia, devem ser felizes ou tão felizes quanto somos.

Peço dizer ao Luiz Antônio que a nossa querida Toca foi transportada para a Vida Maior na condição de uma criança de Deus, regressando ao lar que deixara iluminado e feliz na retaguarda.

Toca foi na Terra esse exemplo de flor oculta que preferia resguardar-se na singeleza e no serviço para conquistar a verdadeira paz.

Quanto ao nosso Rogério, rogo a Você, querida "Véia", dizer aos nossos amigos Aziz e Walquíria que o irmão Alcides tutelou-o na Vida Espiritual.

Lembro-me de sua emoção na manhã de sete de agosto último, quando o seu coração percebeu conosco que o Rogério estava de partida. Eu mesmo pedi para que Você voltasse a casa para não se recordar com tamanha intensidade do filho que era ali, eu mesmo, a preocupar-me com o seu estado de espírito.

A mãezinha de nossa estimada Walquíria recebeu o pequenino e grande amigo nos braços carinhosos, e depois o amigo Alcides o retomou sob seus cuidados especiais.

O amor vence a morte e vencerá sempre em qualquer ocorrência da vida, porque o amor traduz a presença de Deus.

Comigo se encontram o Izídio, que abraça a irmã Laudelina, e o nosso amigo Alvicto, que reafirma à irmã Lélia a sua assistência constante.

O Oscar e o Guimarães estão conosco e todos formamos uma corrente de preces rogando a Deus a paz em auxílio a todos.

E agora, Dona Augusta, é a hora do ponto final.

Não direi prá Você que será ele pontilhado de lágrimas, porque será hoje burilado com partículas de luz.

Estamos ricos de paz e amor, e isso agora é tudo o que seu filho ansiava conquistar.

Abraços ao Eduardo, a quem desejo sucesso nas tarefas escolhidas, e às irmãs e aos irmãos que as desposaram, todo o meu afetuoso agradecimento.

E agora, querida "Véia", enquanto o Izídio pede à irmã Lau que faça a entrega da melodia do "João de Barro" à sua querida mãe Dona Leila, peço ao seu carinho ouvir a canção do seu "Menino da Porteira" que você me auxiliou a abrir para o lado das terras iluminadas de Jesus Cristo, com a extinção de todo e qualquer ressentimento em meu coração.

Sou agora o Menino da Porteira Aberta para a Bênção de Deus. Graças a Deus e a Você, esse hoje é o meu melhor título.

O nosso amigo Alvicto abraça a irmã Lélia e todos somos gratos a quantos aqui nos facultam a possibilidade de escrever esta carta.

"Véia" querida, sou tão pobre de tudo que, se tenho alguma riqueza, essa é a sua dedicação para com seu filho.

Sou um espírito ainda empobrecido que adquiriu imensa fortuna no amor com que Você me acolhe.

Receba assim seu filho que vive em seu coração

e vem de tão longe, em me referindo ao passado, para agradecer tudo o que o seu carinho representa em meus passos.

Mãe, o filho pródigo da parábola foi recebido pelo devotado pai a que se referia Jesus, pois sou eu o filho pródigo que nunca se afastou de Você.

Guarde-me na bênção de suas preces e Deus a recompensará por ser a esperança sempre viva e o amor cada vez mais belo e mais presente para o seu filho, sempre o seu filho do coração,

Henrique.

Notas e Identificações

33 - Carta psicografada pelo médium Francisco C. Xavier, em reunião pública do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, Minas, a 6/10/1979. Foi inicialmente divulgada pelo jornal *O Popular*, de Goiânia, GO, edição de 9/12/1979.

34 - "*Véia*" — Quando encarnado, assim Henrique chamava carinhosamente sua mãe.

35 - *Bendita a hora em que a sua mão assinou o pedido de encerramento da apelação da sentença em que, espiritualmente, me achava envolvido.* — Henrique Emanuel faleceu em consequência de um disparo acidental de arma de fogo, durante uma brincadeira com um amigo. "Após 25 dias da desencarnação, seu pai Gastão Henrique Gregoris enviou expressiva mensagem, através do médium Chico Xavier, consolando a esposa e mãe. A família desejava um esclarecimento sobre o fato, aguardando o desenrolar do processo instaurado pela Polícia do 1.º Distrito Policial de Goiânia.

Após alguns meses, o advogado da família, Dr. Wanderley de Medeiros, informou que o acusado havia

sido absolvido. (pelo juiz Orimar de Bastos, respondendo pela Comarca de Hidrolândia, GO)

A família não concordou, absolutamente, sendo feita a apelação para Instância Superior.

Dois dias após a apelação (desconhecendo totalmente o fato), o médium Francisco Cândido Xavier, a pedido do Espírito de Henrique, deslocou-se até Goiânia para dizer à genitora — D. Augustinha — que perdoasse o amigo.

D. Augusta, diante do pedido do filho desencarnado, imediatamente enviou uma carta ao seu advogado, solicitando-lhe que encerrasse definitivamente o processo." (*Enxugando Lágrimas*, Cap. 24.)

36 - *Mário Lúcio* — Mário Lúcio Sobrosa, cunhado.

37 - *sei também que a Divina Providência nos fará desmemoriados no Mundo, tantas vezes quantas se fizerem necessárias* — Aqui, Henrique faz uma referência à reencarnação, durante a qual esquecemos o nosso passado, quase sempre delituoso.

38 - *Luiz Antônio* — Luiz Antônio Rabelo, cunhado.

39 - *a nossa querida Toca* — "Apelido de Ana de Souza, desencarnada em 18/7/1979, aos 55 anos de idade. Foi entregue, na infância, à família de Luiz Antônio e ali cresceu, serviçal, ajudando na criação de todos os filhos do casal Maria — Leônidas Rabelo. Possuía maternal dedicação e preferência pelo caçula Luiz Antônio." (Informação de D. Augustinha, em fraterna carta a nós dirigida, datada de 10/7/1980.)

40 - *nosso Rogério* — O garoto Rogério de Barros Araújo, filho do casal Dr. Aziz — Walquíria, faleceu em 7/8/1979, após longa enfermidade.

41 - *irmão Alcides* — Alcides Américo Araújo, irmão do Dr. Aziz, faleceu em 13/5/1979, aos 43 anos de idade.

42 - *Lembro-me de sua emoção na manhã de sete de agosto último, quando o seu coração percebeu conosco que o Rogério estava de partida. Eu mesmo pedi para que Você voltasse a casa para não se recordar com tamanha intensidade do filho que era ali, eu mesmo, a preocupar-se com o seu estado de espírito.* — “Na manhã de sete de agosto, a mãe de Rogério chamou-me ao hospital e ali ficamos, Walquíria, Aziz, tia Dedé, Maria Lúcia Natal e eu, envolvendo o garoto com vibrações e preces até o momento em que *vi e ouvi* a preparação para o desligamento do perispírito, efetuada pelos Amigos Espirituais. Percebi, então, que o fim terreno do pequeno Rogério se aproximava rapidamente.

Lembrei-me do meu padecimento quando Henrique desencarnou e não suportaria presenciar o próximo sofrimento dos pais. Retiramo-nos, então, Maria Lúcia e eu, acompanhadas pela Walquíria. No corredor, ao despedir-nos da mãe de Rogério, pedi a ela para não permanecer no quarto, não lhe dizendo o porquê. Saí angustiada do Hospital, comentando com a amiga que eram 11 horas e 10 minutos, e o garoto desencarnaria até às 12 horas.

Walquíria contou-me depois que, ao retornar ao quarto, o filho pediu-lhe que ela fosse descansar, deixando-o a sós com o pai e a tia Dedé.

Rogério desencarnou exatamente às 11 horas e 50 minutos.” (Depoimento de D. Augustinha, em carta já referida.)

43 - *A mãezinha de nossa estima Walquíria recebeu o pequenino e grande amigo nos braços carinhosos* — Refere-se à D. Graça Pereira de Barros, desencarnada em 2/6/1975.

44 - *Izídio* — Izídio Inácio da Silva, identificado em a Nota 4 deste Capítulo.

45 - *abraça a irmã Laudelina* — Irmã de Izídio, presente à reunião.

46 - *amigo Alvicto* — Alvicto Osoris Nogueira, falecido a 22/10/1976, em consequência de um acidente automobilístico, em Bela Vista, Goiás, já enviou, pelo médium Chico Xavier, cartas à esposa, D. Lélia. (Veja *Enxugando Lágrimas*, Cap. 19/20.)

47 - *Irmã Lélia* — D. Lélia de Amorim Nogueira, presente à reunião.

48 - *O Oscar e o Guimarães estão conosco* — Oscar Masaaki Tsuruda, filho de Tamiko e Aiki Tsuruda. Desencarnado em 11/8/1973, aos 24 anos, de acidente automobilístico, era amigo de Henrique desde a adolescência.

Geraldo Guimarães Rosa, filho de Guilhermina e Geraldo Rosa. Vítima de acidente com arma de fogo, desencarnou aos 23 anos, em 25/10/1974. Era amigo e vizinho de Henrique desde o nascimento. Cresceram juntos e juntos cursavam a mesma escola.

49 - *Eduardo* — Eduardo Gregoris, irmão de Henrique.

50 - *peço ao seu carinho ouvir a canção do seu “Menino da Porteira”* — “Menino da Porteira” era a música que Henrique e Eduardo tocavam ao violão e cantavam acompanhados pela progenitora.

51 - *Henrique* — Henrique Emanuel Gregoris, já identificado em a Nota 3 deste Capítulo.

QUARTA CARTA DE MAURÍCIO

"Muito grato pela imagem dos dois corações substituindo os pratos da balança no símbolo da Justiça."

Querido Papai e querida Mãezinha Dejanira, abençoem-me.

Venho agradecer a alegria que me deram, concordando comigo em tudo o que eu disse para esclarecer a minha situação. Parece-me que cresci em responsabilidade e estou orgulhoso de ter os pais a quem Deus me confiou, que souberam ouvir-me com o coração e não com as dúvidas e os tumultos do mundo.

Agradeço por todas as demonstrações de carinho e confiança com que me acompanharam nessa jornada luminosa da verdade. O nosso amigo Dr. Orimar de Bastos, será recompensado pelo bem que me fez, reconhecendo-me a palavra de rapaz honesto e leal à verdade.

O tempo nos doará muitas alegrias.

Às irmãs queridas e a todos os nossos, os meus votos de felicidade.

Entrei numa vida nova, na qual espero a possibilidade de lhes ser útil.

Papai e Mamãe, graças a Deus, vencemos.

Muito grato pela imagem dos dois corações substituindo os pratos da balança no símbolo da Justiça. Fiquei muito feliz com as alegrias que colocaram em meu íntimo.

Os nossos amigos Lúcio Dallago e Henrique, e vovô Henrique e outros amigos estão em minha companhia e abraçam a todos os corações, aos quais nos sentimos vinculados.

Querido Papai e querida Mãezinha Dejanira, Deus os faça sempre felizes.



O folheto com a terceira carta de Maurício, impresso e distribuído pela família, apresentou esta sugestiva ilustração.

Muitos beijos do filho sempre grato, sempre o filho do coração,

Maurício Garcez Henrique.

Notas e Identificações

1 - Carta psicografada por Francisco C. Xavier, em Uberaba, Minas, a 9/11/1979.

2 - *Lúcio Dallago* — Lúcio Germano Dallago, filho do casal Lúcio Dallago e Maria de França, desencarnou em Goiânia, aos 25/11/1977. Sua primeira carta psicografada integra o livro *Reencontros* (F. C. Xavier, Espíritos Diversos, Hércio M.C. Arantes, IDE, Araras, SP, 1982, Cap. 4.)

3 - *Henrique* — Henrique Emanuel Gregoris.

4 - No impresso que divulgou esta carta, a família de Maurício colocou o seguinte:

Agradecimento

Na publicação desta quarta mensagem de Maurício, a família Garcez Henrique sentiu-se no dever de dedicar, assim também publicamente, algumas linhas a Francisco Cândido Xavier. Esse dever surgiu no reconhecimento de sua inigualável postura social, de seu extraordinário desprendimento e, acima de tudo, pela humildade com que se doa às pessoas.

Corrigimo-nos comportamentalmente ao promovermos esta publicação, porque, de outra forma, estaríamos incorrendo no mesquinho egoísmo de deter o bem que Francisco Xavier representa.

É de fundamental importância para nós, aqui, transmitirmos a todos a íntima satisfação e o conforto em que fomos envolvidos, a partir dos contatos que tivemos com Chico Xavier. Do seu trabalho, marcado pela dedicação e pelo exemplo de bondade,

refulgiu-nos a luz que parecia obscurecida pelas intempéries.

Da mesma forma que nos reabilitamos na afirmação de viver e reencontramos os objetivos de nossas atitudes, assim também como testemunhamos tantas outras demonstrações de amor, carinho e fraternidade de Chico, pudemos, a partir dele, visualizar um mundo que, até então, tínhamos sob as cortinas da materialização. E aprendemos uma outra medida de valor para aplicação de nosso trabalho.

No outro Plano, não poderíamos também deixar de estender nossos agradecimentos à ajuda e à orientação dada ao nosso filho, tanto por Chico, quanto pelos amigos, parentes e autoridades que espiritualmente convivem com ele.

Estamos profundamente agradecidos e sensibilizados com o amor recebido de todos, e nos sentimos fortes para integrarmo-nos na luta pela paz e pela igualdade.

Goiânia, novembro de 1979.

Dejanira Garcez Henrique — José Henrique.